

“Se somos os lugares por onde andamos, por onde andamos agora, uma vez que as chuvas fizeram desaparecer as estradas da paisagem?”

Adriana já inicia seu livro encadeando as palavras, precisa e suavemente, e dando uma clara ideia do que leremos adiante: esses não saberes gerados pelas catástrofes que nos atingem. Mas se engana quem imagina que se trata de um livro encharcado de lamúrias... cada página vem recheada de indagações profundas, oferecendo possibilidades de destinos para que as angústias que nos impactaram bruscamente, nestes tempos de chuva, sejam escoadas.

A Longa chuva - Ensaio-poético-diário de sobrevivência à fúria das águas é um livro-desabafo. Tenso, denso: é “poético”. Faz barulho. Narrativas que foram tecidas ao som dos pingos d’água - que viraram um barulho ensurdecador, ao qual ninguém pôde fugir. Entendemos que não há sombrinha que impeça que a chuva caia. Ficamos impotentes, frágeis, ensopados de tristeza e medo.

Em 70 e poucas páginas de uma catarse elaborada, Adriana abordou muitas questões, e não deixou de fora o feminismo, tema que lhe é tão caro: citou as meninas, as mulheres que mais uma vez foram vítimas do aguaceiro humano. Citou os indefesos, os animais. Pensou no descaso, na negligência, no voto que elege quem deveria cuidar... Pensou na dor dela e na do outro. Pensou até nos lápis de cor que a chuva arrastou: porque o tamanho das perdas é singular e imensurável. Aquela menina, que encontrou Prometeu ao som de Simple Minds, talvez tenha sido acalentada pelos versos de “Rain keeps falling, Rain keeps falling/ down, down, down” e desenrolou um assunto tão doloroso de forma literária, permeada de entrelinhas, metáforas, camadas de elaboração vertendo como jorro. E quem lê, não só entende como se identifica.

Desconfio que Adriana escreveu as ideias ou o rascunho deste livro num sonhário - cadernos belos e sensíveis que ela artisticamente cria. Porque ali é o cenário perfeito para se registrar histórias que vivemos e/ou escutamos. Ali é possível intercalar a escrita com o desenho de vestidos coloridos dançando no corpo das mulheres e relatar percepções e sonhos (próprios ou não) que ajudem a desanuviar os infinitos dos céus.

“Para onde as águas levaram os corpos das pessoas amadas, os sofás, os retratos, os cachorros, os gatos, as vacas, os baldes de roupas sujas, as xícaras de café presenteadas por alguém querido, os sonhos, os lápis de cor, os pés de sapatos, os livros?”

Também não sei, Adriana... mas sei que tuas palavras me transportaram para uma terra seca o suficiente para que eu pudesse respirar (sem tantos sobressaltos), mas ainda úmida de todas as marcas de situações que nunca podem ser esquecidas. Porque as catástrofes têm que ser lembradas para que encontremos outros caminhos possíveis: as enchentes que surpreendem, a desigualdade que desabriga, o preconceito que soterra, as indiferenças que congelam, as dores que nos tiram o chão e o telhado, as naturezas que são covardemente devastadas... esses

horrores precisam ser recordados, exatamente porque não podem voltar a acontecer. E esses lembretes sempre estão presentes nas narrativas perspicazes e profundas de Adriana.

Desde as colunas que escreve para o jornal até seus contos, crônicas ou poesias, ela vai muito além do óbvio. Suas frases conversam e acolhem. Como esta: *“Vou até a pia da cozinha, abro a torneira, a água calma que enche o copo gera culpa.”* Elas são profundamente simples e simplesmente profundas.

Com seu sonhário em mãos, parece que ela escreve sob uma árvore cujos frutos são metáforas, e eles caem de repente sobre o texto, nos lugares certos... E isso só é possível porque, apesar do som aterrorizante das chuvas de maio¹, Adriana tem alma habitada, tem o que dizer e o que compartilhar: alma alimentada diariamente pelos insumos da arte, da cultura, dos prazeres, da psicanálise, das nuances da vida que as pessoas levam ao consultório dela. E é a soma disso que surge nos seus textos: que lemos agradável e seguramente, como se tivéssemos a garantia de poder visitar sem medo todos os caminhos... sorvendo deles o encanto da paisagem que ela preparou para nós.

“Separo os fios-palavras e faço nós. É um tecer real do real com cuidado para não perder os pontos, que soltos, enlouqueceriam.”

Que a dançante “Forget about me” siga ressoando na tua alma e te fazendo rodopiar com a ideia (certeza) de que “I’ll build us back together at heart, baby” (Eu vou nos construir de volta no coração, querida). Porque sim, tudo pode ser reconstruído. Lucidez, arte e igualdade trazem de volta o arco-íris e os tricô multicores.

Siga na chuva, Adriana! É ela que te inunda da natureza humana que transborda nas tuas palavras. A chuva é mulher, é fúria, é gota... é longa, mas cessa.

Deste um lindo destino ao trauma.

Desejo que os leitores, embebidos das (nas) tuas palavras, também encontrem destinos.

¹ Em maio de 2024, o estado do RS foi vítima de uma das piores enchentes da sua história. Parte dele ficou alagada e devastada por conta do enorme volume de chuvas que, incessante, promoveu desabrigos e desabamentos.

